Hipótese sobre o funcionamento da linguagem

Luiza Milano Surreaux

RESUMO: *Cet article a pour but présenter le concept de hypothèse sur le fonctionnement du langage comme un élément qui aide le clinicien - celui qui travaille avec des altérations de langage - à analyser les spécificités des mouvements du langage dans le champ de la parole déviante. Pour cela, les contributions linguistiques originaires des théories de Saussure, Jakobson et Benveniste seront revisités envisageant - à partir de ce parcours - disposer des mécanismes propres au fonctionnement du langage et avoir des arguments pour l'analyse de tout ce qui se présente comme irrégulier dans la parole des sujets. Ainsi, en addition aux notions de système et de fonctionnement, il sera fondamental souligner que la conception du langage conçu sera laquelle qui implique celui qui parle dans ce qui est parlé, c'est à dire, qui considère au dessus de l'énoncé, l'énonciation elle-même.*

PALAVRAS-CHAVE: *Clínica de linguagem; Enunciação; Fonoaudiologia; Funcionamento da linguagem; Sintoma de linguagem; Transtornos da linguagem.*

Parto da noção de que a linguagem tem irregularidades, tem particularidades para cada sujeito. Se essa constatação é válida para nossa atividade languageira cotidiana, ela torna-se ainda mais gritante na fala desviante. Ou seja, é fato que a linguagem apresenta sempre irregularidades, mas também é verdade que na fala sintomática o irregular toma lugar de maior evidência. Por esse motivo, não parece razoável lidar com a noção de patologia *a priorística*, cuja aplicabilidade é limitada. Sem dúvida, ela aponta um conhecimento sobre o que é visível (ou au-

Luiza Milano Surreaux é fonoaudióloga e Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

dível) na fala do paciente, mas jamais falará da forma particular de cada sujeito estar na linguagem.

Nesse sentido, é fundamental ao se analisar a fala de pacientes poder contar com os aportes da ciência da linguagem, pois, através de modelos explicativos/descritivos complexos, a lingüística permite compreender e diferenciar os mecanismos de funcionamento da linguagem. E os três lingüistas – Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson e Emile Benveniste – que chamo à interlocução respondem pelo conjunto que é aqui denominado de “lingüística de filiação saussuriana”. Assim, em relação ao mestre Ferdinand de Saussure assumo a dívida pelo reconhecimento do valor de sua obra nos estudos nos quais me empenho. Concordo com Benveniste, ao manifestar-se nos cinquenta anos da morte de Saussure, dizendo que não há um só lingüista que não lhe deva algo. Ou ainda, como também destaca Milner (1987: 32): “toda lingüística é por definição saussuriana”.

Além da dívida de filiação, destaco um pressuposto importante derivado dos ensinamentos saussurianos: a noção de estrutura. A possibilidade de desenvolvimento do estudo estrutural da língua, além de ter provocado efeitos em toda uma geração de intelectuais do campo das ciências humanas, propiciou um olhar sobre a língua que leva em consideração as relações imanentes do sistema, o que interessa, ao menos em parte, a este trabalho.

Por que Jakobson? Porque foi o primeiro lingüista a sistematizar, de um ponto de vista lingüístico, o sintoma, em seus artigos sobre as afasias. Soma-se a isso, a reflexão que faz sobre o funcionamento da linguagem a partir da fala sintomática. Acredito ser essa uma preciosa contribuição ao campo de estudos da linguagem desviante.

Por que Benveniste? Porque resgatou o lugar do sujeito na linguagem através do *aparelho formal de enunciação*. Benveniste buscou dar lugar ao sujeito (ou à subjetividade), pois acredita que a linguagem na vida humana é fundante: “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (1991: 286). É pelo fato de a abordagem benvenistiana ser concebida a partir de um lugar que considera o sujeito que fala como constituído por essa mesma linguagem que acredito ser uma perspectiva constitutiva da reflexão na qual ora me empenho.

Passarei então a apontar os conceitos fundantes da reflexão desses três lingüistas para posteriormente realizar deslocamentos conceituais importantes que contribuam para a elaboração do conceito de *hipótese sobre o funcionamento da linguagem* no âmbito da clínica dos transtornos de linguagem.

1. DA HERANÇA SAUSSURIANA

Uma reflexão baseada nos pressupostos de Ferdinand de Saussure – o fundador de uma tomada estrutural do estudo da língua – configura-se em passo inicial de uma interlocução que pretenda pôr o foco nas particularidades de um sistema lingüístico. Da teoria saussuriana, ressalto o ponto central, qual seja, a língua como sistema de valores. Partindo desse pressuposto, entende-se que na língua os elementos estão sempre em relação, uns com outros.

A possibilidade de pensar a língua como organizada pelos eixos paradigmático (que dá conta das relações em ausência) e sintagmático (que, pela via da presença, permite analisar o encadeamento da fala), alicerça um estudo tipicamente estrutural. Mas como se sabe, as idéias saussurianas, concebidas numa perspectiva que não buscava tangenciar a irregularidade da fala, não são suficientes para dar conta da fala desviante. Faz-se necessário, então, dialogar com autores que, ao abalarem a regularidade das teses saussurianas, permitam olhar para a teoria de uma forma transversal. Assim, instabilizar a completude da língua com a idéia de falta, de *falha*, provoca deslocamentos que permitem estender a abordagem em direção aquilo que não vai bem na linguagem.

Estou partindo, portanto, de uma noção de linguagem que inclui o heteróclito e o multiforme em uma perspectiva que, ao considerar a incompletude, permite analogias entre a irregularidade do sintoma de fala e a regularidade do sistema da língua. Por isso, a noção de linguagem que interessa à clínica que trabalha com a linguagem desviante deve comportar a implicação recíproca entre língua e fala ou ainda entre língua e fala sintomática. Nessa perspectiva, os efeitos inovadores da fala sintomática sobre a língua não soam apenas como “erro”, mas passam a ser considerados como irrupção do novo, do imprevisível, que língua entendida como constitutivamente incompleta não só suporta como também sustenta.

Se a fala está na língua, a fala sintomática também está. Se o sujeito está na fala, o sujeito que apresenta uma fala sintomática também está. São derivações de uma lógica que somente se evidencia a partir de um movimento que reflete sobre as implicações (e não sobre a hierarquia) entre língua e fala¹.

Pode-se perceber que, para Saussure, é a língua que faz a unidade da

¹ Nas notas de Tullio de Mauro, percebe-se que talvez a distinção mais importante para Saussure não seja entre língua e fala. Tullio de Mauro aponta que, conforme os manuscritos editados por Engler, o objetivo é distinguir língua e linguagem.

linguagem. Esse parece ser um passo determinante para sistematizar o estudo que faz, já que organiza a noção de sistema. O conceito de língua possibilita o acesso a uma parte desse todo heterogêneo e multiforme que é a linguagem.

Ora, o risco para quem trabalha com a linguagem é querer tomar uma parte (língua) pelo todo (linguagem). E, pensando particularmente na especificidade da clínica que trabalha com transtornos de linguagem, ou da clínica de linguagem, lembro que o que está em questão é o termo linguagem do sintagma, já que não se trata de uma “clínica da língua”. A clínica de linguagem tem muito a aprender com a concepção de linguagem de Saussure, pois o sintoma de linguagem, assim como a própria linguagem, é um todo heteróclito e multiforme.

Assim, não parece absurdo entender que o termo *linguagem*, em Saussure, designa um todo heteróclito que é constituído por uma regularidade, a língua. Para meu propósito, qual seja, buscar na lingüística saussuriana elementos que permitam refletir sobre a estrutura da linguagem, interessa que o termo designe algo da ordem da heterogeneidade, mas que nem por isso seja refratário à regularidade. Afinal, o sintoma de linguagem, nesse caso, poderia ser visto como duplamente constituído pelo regular (a língua) e pelo heteróclito (a linguagem).

O específico da clínica é justamente abordar esse todo multiforme e heteróclito tendo a noção de funcionamento da língua como pano de fundo. Partindo desse *a priori* pode-se observar múltiplas possibilidades de organização do sistema da fala de cada paciente em tratamento. Tentar acompanhar a organização peculiar da linguagem de cada sujeito em atendimento é uma das tarefas mais importantes do clínico.

No terreno da clínica não se trata de lidar com determinações previsíveis de um código em “mal-funcionamento”, mas com a atividade de linguagem de um sujeito que realiza combinações que surpreendem a lógica da fala cotidiana. E como o valor de qualquer termo está determinado por aquilo que o rodeia, também na fala sintomática são distintos os efeitos de sentido que carregam os termos em cada situação. Percebe-se aí que não há idéias fixadas de antemão, mas valores que emanam do sistema.

Ao tratar da relação dos signos dentro do sistema, Saussure aborda, via teoria do valor, duas formas de funcionamento da língua (cf. supra). A primeira é a forma com que as palavras podem se associar, ocorre *in absentia*, numa série mnemônica virtual. São as chamadas relações associativas. Nesse eixo, podem ocorrer relações diversas entre significados ou entre significantes: “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de

outra” (CLG², p.146). É nesse sentido que vale a metáfora saussuriana da constelação, na qual um termo é dado como centro de uma constelação, ponto para onde convergem outros termos coordenados numa rede associativa indefinida no *a priori*.

Essa imprevisibilidade das associações é particularmente interessante para a reflexão sobre o funcionamento lingüístico da fala sintomática, porque parece ser tarefa do clínico analisar a particularidade dessas relações da constelação na organização da fala de cada paciente.

A outra forma de associação se dá *in praesentia*. São as chamadas relações sintagmáticas³ e se dão através do encadeamento de termos. De acordo com a teoria saussuriana, “colocado num sintagma, um termo só adquire valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (CLG, p.142).

A articulação dos dois eixos (associativo e sintagmático) possibilita ver o mecanismo de funcionamento da língua. Entre os agrupamentos sintáticos há um vínculo de interdependência (o que precede e o que sucede). Mas é a coordenação no espaço (virtual) que contribui (e condiciona) para criar coordenações associativas e estas, conseqüentemente, são necessárias para análise das partes do sintagma. É justamente dessa articulação entre eixo sintagmático e eixo associativo que emana a noção de valor lingüístico. Eis a base fundante do funcionamento da língua em Saussure.

Nesse sentido, interessa da obra de Saussure o conceito de língua, de onde vem a noção de sistema. É também de Saussure a relação da língua, que é da ordem da regularidade, com a linguagem, que é de natureza heteróclita e multiforme. Tomo-as – língua e linguagem – numa implicação mútua cujo efeito é a suposição de uma unidade entre os dois campos. Tal unidade não se configura nem em soma, nem em justaposição de conteúdos. Não é de uma articulação língua/ linguagem na clínica que se está a falar, mas de pura implicação, ou seja, do fato incontornável de que a definição de uma contém a presença da outra e que, juntas, designam um terceiro: a língua é constitutivamente *falha*. Essa abordagem permite dar conta de um enfoque clínico que analisa a fala sintomática pela via do que é da ordem de um sistema repleto de particularidades, nitidamente heterogêneo. Mantém-se a perspectiva de sistema, mas subsidiando a fala desviante.

² As citações do *Curso de Lingüística Geral*, obra póstuma de Saussure, serão grafadas pela sigla CLG e sua respectiva página.

³ De acordo com o CLG (p.143-4), a noção de sintagma não se aplica só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras).

Como a implicação língua/linguagem sugere, à concepção de linguagem como não-toda se deve agregar o funcionamento das relações internas do sistema. Por isso é de fundamental importância o resgate que se fez da teoria do valor – ponto principal do legado saussuriano – que demonstra a forma de relacionamento dos elementos dentro do sistema. Assim, vê-se nas relações associativas e nas relações sintagmáticas uma possibilidade primeira de abordar, pela via da estrutura, um sistema de signos particular.

Se a linguagem concebida em sua heterogeneidade é atravessada pela incompletude inerente a todo e qualquer sistema, é pertinente, após estas considerações e deslocamentos, falar de uma abordagem da fala desviante. Partindo-se dessa reconfiguração pode-se propor um olhar para a fala sintomática que considere a relação dos elementos dentro do sistema. Os signos de um sistema idiossincrático também se relacionam com os que o antecedem e o sucedem (sejam eles igualmente desviantes ou não). O sentido também brotará pelas relações entre os elementos do sistema. E se o sentido não brotar, resta a pergunta: o que está fazendo restrição ao surgimento do sentido em cada paciente em questão? A tarefa do clínico será investigar as possibilidades e limitações dos laços sintagmáticos e associativos no sistema de cada fala sintomática. Ou seja, pela herança saussuriana, o clínico deverá estar habilitado a analisar a lógica que constitui o funcionamento das relações internas do sistema de fala – mesmo que heteróclito e multiforme – de seus pacientes.

2. DA HERANÇA JAKOBSONIANA

Após Saussure, outros lingüistas possibilitaram pensar a linguagem a partir da noção de funcionamento da estrutura. Aqui, destacam-se os fundamentos propostos por Roman Jakobson e as concepções de metáfora e metonímia. A perspectiva desse autor permite acompanhar os movimentos da fala via metáfora que, através da similaridade, produz o contraste, ou via metonímia que, através da contigüidade, leva o fio associativo a um afastamento discursivo imprevisível.

Se, por um lado, com Saussure se pode realizar análise das relações dentro do sistema (pela via da teoria do valor, considerando-se o funcionamento das relações associativas e sintagmáticas), por outro lado, foi através da leitura realizada por Jakobson que se pode ver implicação entre seleção e combinação. Dessa forma, a noção de funcionamento ganha destaque e o caminho para a concepção criativa de um estilo próprio no âmbito da fala sintomática pode ser vislumbrado.

Partindo dos pressupostos jakobsonianos, percebe-se uma concepção

estruturalista que comporta movimento (ou que considera o funcionamento na estrutura). Perspectiva de linguagem esta que, ao levar em conta o funcionamento metafórico e metonímico, permite considerar o inusitado que ali emerge. É uma forma de olhar a linguagem que possibilita entender que tanto na produção artística (poesia), como na produção desviante (afasia)⁴, o movimento da linguagem é que está em jogo. Por isso que, ao comportar simultaneamente o funcionamento na normalidade e na patologia, pode-se estabelecer uma visão teórico-conceitual que contribui para a reflexão sobre as particularidades do funcionamento da linguagem desviante.

Cabe ainda destacar de Jakobson a noção de *estilo de fala*. É através do que Jakobson chama de função poética que a relação entre o pólo metafórico e o pólo metonímico poderá ser analisada como a marca de um estilo, uma forma criativa de estar na linguagem. E se esse estilo é caracterizado pelo irregular, caberá ao clínico de linguagem, munido de conhecimento sobre o funcionamento da mesma, investigar a lógica singular das relações entre os elementos daquele sistema. Parece pertinente extrair consequências de sua tentativa de analisar o funcionamento do sistema, seja ele heteróclito ou não.

Jakobson propõe a língua como sistema funcional buscando relativizar a dicotomia sincronia/diacronia⁵. Para o autor, a mera oposição sincronia/diacronia exclui a função do tempo no momento presente da língua, criando uma desintegração entre passado e presente nos processos lingüísticos. Diferentemente, a tomada da língua como sistema funcional (baseada em leis estruturais dos sistemas lingüísticos) permite ver a implicação mútua entre sincronia e diacronia. O autor aposta na influência da fala repercutindo na língua e vice-versa. Esse deslocamento é bastante importante por levar em consideração, de um lado, os efeitos dos movimentos inovadores da fala sobre a regularidade da língua e, de outro, a irrupção da língua na formação de neologismos⁶ de toda ordem.

Apesar da crítica firme a Saussure, Jakobson mostra claramente o laço que o une às teses saussurianas ao afirmar que tanto na fonologia quanto na gramática, trata-se de valores puramente opositivos. E acrescenta à teoria do valor uma preocupação com a semântica: o que distingue uma variação fonológica de uma variação fônica ordinária é sua função de dife-

⁴ Da vasta obra de Jakobson, destaco seu trabalho sobre as afasias e sua particular abordagem da função poética da linguagem.

⁵ Diferentemente de Saussure, que pressupõe sincronia e diacronia como excludentes e interdependentes.

⁶ Utilizo o termo neologismo como “emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não” (cf. Hoaiiss).

renciação do sentido. Assim, pode-se afirmar que a oposição binária (como nos traços distintivos que diferenciam um fonema dos outros) é o meio mais racional e mais econômico de informação de uma distinção. De acordo com Jakobson (1988: 95), para o falante e o ouvinte os sons da fala atuam necessariamente como *transportadores de sentido*, não podendo, pois ser isolados.

Desde os primeiros estudos em fonologia, som e sentido são tomados como uma dualidade indissolúvel (Jakobson, 1978). Ao destacar que os sons da fala têm sempre um compromisso com a significação, Jakobson contribui decisivamente com o trabalho no terreno da clínica. Isso alerta o clínico sobre o risco que é a abordagem isolada do som, desprovido de sentido. Se a relação som/sentido é indissolúvel, isso é o suficiente para justificar uma concepção de clínica que contemple simultaneamente os dois aspectos que estão presentes em todo ato de fala.

Gostaria de ressaltar ainda que na concepção de funcionamento da linguagem de Jakobson observo um teórico que consegue reunir arte, criação e ciência. Essa relação faz Jakobson manter-se como vanguardista e como interlocutor com diferentes áreas, abordando aspectos interdisciplinares⁷. Como muito bem aponta Holenstein (1979), a diversidade de sua obra não se presta a um resumo monográfico⁸. Creio que é isso que é sugerido por Dosse (1993), ao nomeá-lo de o “homem-orquestra”.

Da vasta gama de temas que interessaram a Jakobson, darei destaque à questão das afasias. A forma peculiar através da qual esse lingüista olha para a irregularidade da fala na afasia chama a atenção. Na verdade, a inclusão do estudo da língua em sua abordagem da afasia permite análises que extrapolam o âmbito da sintomatologia para atingir uma pesquisa sobre a estrutura em si. Isso relativiza consideravelmente o peso do patológico na abordagem do sintoma de fala. Significa que estudar afasia (ou qualquer outro quadro de distúrbio de linguagem) comporta – ou demanda – estudar linguagem. O que deriva dessa questão é que, para se compreender

⁷ Ao longo de sua vida, Jakobson dividiu suas reflexões sobre a linguagem com poetas, artistas, neurologistas, psiquiatras, físicos, especialistas em informática, antropólogos, psicanalistas, além é claro, de seus pares lingüistas. Essa vasta gama de interlocutores permitiu que ele abrisse o conhecimento da lingüística a diferentes interfaces e que fosse afetado pelos diferentes estudos que realizou. O encontro de Jakobson com Lévi-Strauss e depois com Lacan influencia de forma impactante o estruturalismo francês. A obra de Dosse (1993) resgata um testemunho desses encontros e registra os efeitos desses nomes na história do estruturalismo.

⁸ Os *Selected Writings*, conjunto das obras de Jakobson, foram publicados em sete grandes volumes, na língua original em que cada trabalho foi redigido. A edição foi feita por The Hague/Paris, Mouton, entre 1962 e 1984. Seleções menores de sua obra apareceram em traduções para numerosas línguas.

o funcionamento da fala sintomática, é necessário a compreensão do funcionamento da linguagem inteira. Essa parece ser uma das contribuições mais evidentes da abordagem que Jakobson faz da fala sintomática.

O fato de Jakobson ser o primeiro lingüista a se interessar pelo distúrbio de fala e iluminar o campo da clínica com as luzes da lingüística não pode ser minimizado. É Jakobson (1969b: 53-4) quem sugere que não importa o nível do transtorno afásico que se esteja tratando é sempre a função semiótica das unidades lingüísticas em questão que está prejudicada: nos fonemas, seus traços distintivos; no vocabulário, significados lexicais; nas formas morfológicas e sintáticas, significados gramaticais. Assim, cada distúrbio afásico é caracterizado pela perda de algum valor⁹ lingüístico.

Sem dúvida, esse raciocínio pode ser estendido a outros quadros de distúrbio de linguagem. Tal generalização é possível a partir da forma como os conceitos de pólo metafórico e pólo metonímico são capturados por Jakobson para abordar a fala sintomática. Esses conceitos – tão caros ao autor e que tiveram (e têm) grande repercussão quando de sua circulação na cultura – dão a oportunidade de reforçar a tese segundo a qual tanto para a fala sintomática quanto para a fala “normal” a abordagem demanda recursos lingüísticos. Deve-se enfatizar que a apresentação da teorização acerca do funcionamento dos pólos metafórico e metonímico deu-se justamente através dos trabalhos de Jakobson que versam sobre a “patologia”. Isso reforça a interface entre lingüística e clínica de linguagem, ou entre funcionamento da linguagem e funcionamento da fala sintomática.

Particularmente, neste trabalho, interessa a maneira de o autor analisar o material discursivo de sujeitos afásicos. Pode-se considerar que Jakobson, ao entendê-lo como produção de linguagem, não olha especificamente para o sintoma ou para, no caso, o quadro afásico em si. Seu olhar é dirigido ao funcionamento da linguagem e não à patologia. Pode-se acompanhar a reflexão de Jakobson partindo da passagem da entrevista contida em *Diálogos* (1985: 47): “As comparações da língua em seu devir com a língua em sua desagregação foram as primeiras das minhas digressões no domínio da patologia da linguagem”.

O funcionamento da linguagem pode ser expresso no entrecruzamento do eixo paradigmático com o eixo sintagmático. Segundo Jakobson, por influências culturais, de personalidade ou de estilo verbal ora um, ora outro pólo predomina. Algumas vezes, percebe-se a predominância da metáfora, como é o caso da poesia, outras vezes prepondera a metonímia, como na prosa. A particularidade dos estudos desse autor é demonstrar que nas

⁹ Aqui se pode ver uma clara herança saussuriana da noção de valor lingüístico.

afasias, há uma dilatação ora de um, ora de outro pólo, em função das restrições lingüísticas do paciente.

Porém, deve-se destacar que o autor adverte: “na poesia em que a similaridade está sobreposta à contigüidade, toda metonímia é ligeiramente metafórica e toda metáfora tem um matiz metonímico” (1969a: 149). Assim, por um lado, pode-se dizer que toda metonímia implica uma metáfora. Mas, por outro lado, não se pode negligenciar que o efeito de sentido provocado pela relação entre os elementos presentes numa cadeia de fala é evidenciado na linha metonímica. E é justamente nesse desenrolar do fio metonímico que o inusitado pode brotar. É necessária a metonímia como pano de fundo para que se possa produzir algo novo e criativo – a metáfora. Ao mesmo tempo, diz-se que a metonímia é dependente da metáfora (já que a metonímia é também um tipo de substituição).

Substituição e combinação são processos¹⁰, movimentos da linguagem que se articulam de modo semelhante às formações do inconsciente. Ou seja, encontra-se na estruturação sintática, na “escolha” lexical que realizamos em nossa fala cotidiana um movimento funcionalmente semelhante ao movimento estrutural observável no lapso, no chiste, no sonho, no ato falho e, conforme se está propondo aqui, também no sintoma de fala.

Jakobson mesmo faz uma analogia dos processos de funcionamento da linguagem com o texto *A Interpretação dos Sonhos* de Freud. Ele aproxima a figura da metáfora à noção de condensação freudiana e a figura da metonímia à idéia de deslocamento proposta por Freud na análise dos sonhos.

O que parece importante ser destacado é o fato de Jakobson, ao explorar a análise do funcionamento da fala afásica, extrair conseqüências para sua concepção geral de linguagem. Pode-se dizer que, ao buscar o extremo da fala sintomática, em vez de circunscrevê-la e classificá-la como distinta do funcionamento “normal” da linguagem, Jakobson assume uma posição teórica importante e original. A analogia que realiza entre o funcionamento da linguagem nas afasias e os pólos metafórico e metonímico na fala cotidiana coloca esse lingüista como precursor na consideração da fala sintomática como próxima à atividade languageira de qualquer sujeito falante. Isso é decisivo para a diluição da oposição normal/patológico na análise lingüística do sintoma de fala.

Decisivo também é o fato de as noções de metáfora e metonímia, a partir de Jakobson, passarem a ser consideradas processos gerais do funcionamento da linguagem. Partindo de sua reflexão, pode-se dizer que de-

sordem e classificação emanam da mesma lógica. Assim, sua teorização permite abordar a caracterização da fala desviante a partir da mesma perspectiva que analisa o funcionamento daquilo que é regular.

Se a seleção e a combinação estão presentes nas construções languageiras cotidianas, elas tomam matizes peculiares na fala desviante. Assim, atualiza-se o lugar da fala do sujeito na criação languageira, redimensionando as relações entre seleção e combinação na medida em que o estilo de fala de cada paciente tende a ter saídas predominantemente metafóricas ou metonímicas.

De acordo com Jakobson, cada locutor adquire, com o tempo, os seus próprios hábitos lingüísticos, as suas normas individuais, o que poderia ser chamado de o seu *estilo* pessoal. Por vezes, isso resulta em efeito artístico, efeito poético. Mas o mesmo não ocorre com o sujeito que apresenta uma fala desviante, pois a escuta normatizante, muitas vezes, insiste e provoca mal-estar.

O que nos leva a tomar a poesia como artística e a fala desviante como patológica? Ao que cabe acrescentar: ocorre subversão da linguagem em ambos? Se a resposta é positiva, a pergunta deve ser refeita e endereçada à clínica: por que são feitas concessões ao discurso poético, dando-lhe total liberdade de ousar, de extrapolar na sua relação com a lógica de funcionamento da língua e, por outro lado, frente ao paciente, escuta-se a subversão sempre como “erro”? Certo ou não, a verdade é que o poeta tem sua enunciação reconhecida na cultura (como arte), enquanto o sujeito que apresenta transtornos de fala está preso a uma condição de mal-falante diagnosticada e restringida pelo saber médico e fonoaudiológico.

Há especificidades numa e noutra situação? Como o próprio Jakobson avisava já em seus primeiros estudos sobre a afasia, a reflexão acerca da linguagem na afasia deve servir para que se pense antes de tudo no funcionamento da linguagem.

A poesia e a afasia abalam, subvertem, a ordem da linguagem, seja na forma, seja no sentido, ou em ambos. Se na poesia o efeito da subversão é artístico, o que produz o sujeito que ao falar *falha*? Além de um “efeito de fala patológica” sua singular subversão da linguagem deveria produzir um interrogante naquele que a escuta.

Sem dúvida, há entre essas duas manifestações de linguagem uma diferença fundamental. Enquanto a poesia traz consigo um efeito artístico, o sintoma de linguagem apresenta algo da ordem do sofrimento. A subversão presente no sintoma de linguagem tem como especificidade causar dificuldades ou impedimento para o sujeito se comunicar com seus pares, fato que não está em jogo na produção artística. Ou seja, a subversão presente na poesia é bem recebida pelo outro, apesar de provocar muitas vezes

¹⁰ É importante alertar que substituição não é sinônimo de metáfora, assim como combinação não é sinônimo de metonímia.

um efeito inusitado naquele que lê ou escuta. Já a subversão presente no sintoma de linguagem causa sempre um efeito de estranhamento no outro que escuta, atualizando na interlocução o mal-estar vivido pelo sujeito que apresenta esse sintoma.

A concepção de linguagem de Jakobson pode auxiliar o clínico com uma perspectiva da lingüística que permite pensar que tanto na produção artística (poesia), como na produção desviante (afasia), o movimento da linguagem é que está em jogo. Trata-se de uma concepção estrutural, sem dúvida, mas de uma estrutura que comporta o movimento (ou que considera o funcionamento na estrutura). Uma concepção de língua que reúne ao funcionamento metafórico e metonímico uma brecha para a particularidade de falas idiossincráticas.

Portanto, reafirmo que se pode extrair da leitura deste autor argumentos suficientes para se compreender que o funcionamento da fala sintomática está intrinsecamente ligado ao estudo do funcionamento da linguagem no sentido amplo. A partir das contribuições de Jakobson (cf. supra), pode-se dizer que desordem e regularidade têm em comum o fato de se originarem na mesma lógica¹¹. No terreno da clínica isso repercute significativamente por permitir a abordagem da fala desviante a partir da mesma perspectiva que se analisa o funcionamento daquilo que é regular.

3. DA HERANÇA BENVENISTIANA

Após ter explorado uma concepção de estrutura que é regida pela teoria do valor (com Saussure) e de ter alicerçado uma noção de funcionamento do sistema e realizado uma analogia com a fala que *falha* (com Jakobson), nesse momento, examina-se a *lingüística da enunciação*, apresentando os recursos utilizados por Benveniste para dar lugar ao sujeito na linguagem.

Benveniste permite-se, então, tocar à frente a tarefa inacabada de Saussure, anunciada por Bally¹² na introdução do *Curso de Lingüística Geral*, de abordar a instância do sujeito na linguagem. Como não poderia ser diferente ao tratar este assunto, Benveniste realmente “toca à frente” um projeto maior e impossível de se finalizar que é a abordagem da incompletude do sujeito e da linguagem.

¹¹ A exemplo do que já anunciamos em Saussure na relação língua/linguagem (ou regular/heteróclito).

¹² Segundo Bally, “Prometida aos ouvintes do terceiro curso, esse estudo [da *lingüística da fala*] teria tido, sem dúvida, lugar de honra nos seguintes” (1974:04).

Emile Benveniste é o autor conhecido por ser o responsável pela inclusão do sujeito na linguagem. Este lingüista contribuiu significativamente para uma noção de linguagem que considera o sujeito que fala. O que brota com maior evidência em seus ensinamentos é o dispositivo que transforma a língua em discurso: a enunciação. No entanto, a língua não se movimenta por si. Ela depende de uma instância de sujeito. E, no campo da clínica, a impressão de uma marca subjetiva no dizer permite que se aborde o sujeito com uma fala sintomática, indagando sobre a peculiaridade das marcas de seu sistema.

Benveniste afirma que o lugar da linguagem na vida do homem é fundante. Se este autor parte do princípio de que a linguagem *serve para viver*, permito-me estender essa concepção para aqueles que vivem carregando a marca de que não falam bem. Embora Benveniste não tenha dedicado um estudo específico à fala desviante¹³, sua reflexão sobre “o homem na língua” permite abrir espaço de interlocução com a clínica no que diz respeito ao lugar que o sujeito com fala sintomática ocupa na linguagem.

Na perspectiva desse autor, com o advento do sujeito promove-se o sentido. E o sentido para Benveniste se constitui na relação com a forma do dizer, sempre efetivada (essa relação) no momento do dizer.

Partindo-se do princípio de que Benveniste é um legítimo herdeiro de Saussure e, portanto, um lingüista estruturalista, cabe dizer que ele trabalha com as estruturas, ou melhor dizendo, trabalha com o sujeito na estrutura. Essa afirmação é o ponto de partida para se demonstrar sua forte relação com o estruturalismo saussuriano. Diz Benveniste sobre o mestre genebrino: “além da sua vida terrena, suas idéias brilham mais longe do que ele teria podido imaginar, e esse destino póstumo se tornou como uma segunda vida, que se confunde para sempre com a nossa” (1991: 49). Nesse gesto de reconhecimento, Benveniste aponta Saussure em primeiro lugar e sempre como o homem dos fundamentos. Benveniste destaca ainda que aprendeu com Saussure que estudar uma língua leva inevitavelmente a estudar a linguagem. No entanto, adverte: não se apreende na língua um objeto simples suscetível de compreensão total.

No texto “Da subjetividade na linguagem” (1991), Benveniste destaca o lugar da linguagem na existência humana. O autor aponta que não se concebe o homem separado da linguagem, ela é constitutiva da sua natureza. Portanto, *ser humano* significa *ser* na linguagem. Marca-se assim um afastamen-

¹³ No *Problemas de Lingüística Geral I*, a patologia da linguagem é referida apenas uma vez e em contexto de remissão à Jakobson, cf. o texto “Tendências recentes em lingüística geral” (1991: 10).

to radical da dicotomia cartesiana entre corpo e linguagem e, como aponta Benveniste (op.cit.: 48), o homem não nasce na natureza, mas na cultura.

Suas observações sobre o desencontro entre o que é da ordem da natureza e o que é da ordem da linguagem possibilitam ver que não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. De acordo com o autor (op.cit.: 31), é preciso haver um intermediário, um aparato simbólico. E, acrescento, é esse intermediário que funciona como “um algo a mais”, inapreensível, que, ao mesmo tempo em que possibilita o acesso ao aparato simbólico, impede sua apreensão “total”.

Benveniste (op.cit.: 17) fala de um trinômio¹⁴ composto por língua, cultura e personalidade¹⁵. Preocupado que é em construir uma reflexão sobre a língua que abarque o problema da significação, propõe pensar não apenas na estrutura daquilo que é dito, mas também na peculiaridade do fato de alguém ter enunciado determinada fala em um determinado momento. Um lingüista que, em sua reflexão, parte de uma perspectiva que releva aquele que fala, aquele com quem se fala, a isso agregando um aspecto fundante: a possibilidade de dois ou mais se falarem tem relação com o fato de que os sujeitos assim se constituem na cultura.

Então, falar implica falar para ou com alguém. Por isso o destaque que o autor faz para a relação eu-tu. Se a “instância de discurso” é o ato único pelo qual a língua é atualizada em palavra por um locutor, cada instância de discurso implica pelo menos um “outro” que compartilhe a mesma língua. Enunciar um “eu” não acena simplesmente com a possibilidade de o sujeito se apropriar das formas virtuais que estão na língua. De acordo com Benveniste, portanto, dizer “eu” anuncia além de uma possibilidade de enunciação, a demarcação de um lugar para o falante o que o situa no complexo funcionamento das redes da linguagem. O falante passa a navegar nas tramas da sintaxe e da significação desde essa possibilidade que funda um lugar enunciativo. E isso deriva da possibilidade de enunciação de “eu”.

Benveniste é um dos primeiros lingüistas que destaca o uso da língua pelo sujeito. É por isso que Flores (2004:228) aponta que a noção de linguagem presente na teoria de Benveniste é aquela que não pode deixar de

ser vista na enunciação. Segundo Flores, justamente a peculiaridade de cada instância de enunciação é a de permitir analisar a linguagem de um falante não-ideal, ou daqueles que falam sem que os lingüistas os escutem.

À relação eu-tu acrescenta-se um terceiro elemento, o “ele”, diz Benveniste: “estamos aqui no centro do problema. A forma dita de terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida a uma ‘pessoa’ específica” (1991:250). A “terceira pessoa”, portanto, não é uma “pessoa”, ela é inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a “não-pessoa” (op.cit.). Um elemento que seja pensado como algo que pela sua trivial presença marque uma ausência radical não é de pouca importância.

O “eu”, e conseqüentemente o “tu”, passam a ser efeito da condição de existência do “ele”. Ou ainda, seguindo a lógica trinitária proposta por Dufour para interpretação do trabalho benvenistiano, “para ser um (sujeito), é preciso ser dois, mas quando se é dois, já se é três” (op.cit.: 92). Segundo Dufour (op.cit.: 52), não há situação discursiva que escape a essa formatação trinitária, exceto em situações de “inaptidão ao discurso e de patologia”.

De acordo com Dufour, “a língua só se constitui como tal (como vetor de um sistema simbólico permitindo a gênese social e individual dos sujeitos) integrando alguma coisa que está radicalmente fora da língua” (op.cit.: 98). Ainda conforme esse autor, a lingüística tenta controlar o espaço vazio – e, portanto, incontornável – com respostas binárias. Nesse ambiente, surgem as famosas dicotomias língua/fala, sincronia/diacronia, significado/significante, fonético/fonológico (com todas suas subdivisões de oposições duais), sintagma/paradigma e metáfora/metonímia, só para citar as mais recorrentes. Justamente aí se encontra a originalidade da tese benvenistiano: apesar de também partir de uma lógica binária, Benveniste abre uma brecha para respostas não binárias.

Ao anunciar a instância do *ele* como comportando uma infinidade de sujeitos e nenhum, ao considerar a trindade eu/tu/ele como operadores do lugar do sujeito na linguagem, Benveniste prenuncia a idéia da incompletude como inerente ao campo da lingüística. Novamente vale destacar as palavras de Dufour (op.cit.: 115), ao dizer que o trabalho de Benveniste é exemplar e insubstituível, na medida em que permite ver se perfilar, por trás das diádes construídas, uma pressuposição trinitária.

Considerando que a enunciação é a atualização da língua na instância do discurso, a clínica de linguagem passa a ter a possibilidade de abordar o paciente desde o lugar que ele se propõe como sujeito do discurso. Caberá, então, a essa clínica analisar o lugar enunciativo desde o qual cada sujeito em atendimento pode (ou não) enunciar.

¹⁴ A idéia do trinômio será aprofundada mais adiante, ao abordar a retomada de Benveniste realizada por Dany-Robert Dufour. Por ora, pode-se dizer que a idéia do trinômio desestabiliza a crítica que circula no meio lingüístico de que a concepção de sujeito na obra de Benveniste provoca o retorno a um ideal narcísico de sujeito e à concepção de pleno controle de seus atos – a linguagem, por exemplo.

¹⁵ Onde se encontra o termo *personalidade* na obra Benveniste deve-se ter o cuidado de não tomá-lo com um sentido “subjetivista”, psicológico. Talvez mais interessante seja pensar o termo *personalidade*, como marca de pessoa.

Se a fala sintomática pressupõe um tipo singular de organização, ela atualiza em sua lógica uma forma ímpar de o sujeito enunciar. Obviamente, a peculiaridade dessa fala traz à tona o funcionamento da linguagem do sujeito. E linguagem em funcionamento, numa perspectiva que comporte o funcionamento do não-funcionamento, é sempre da ordem da enunciação.

Há em *O Aparelho Formal da Enunciação* (1989: 81) a descrição da formalização que toda língua tem. Nesse texto, Benveniste diz que o processo da enunciação é composto por:

- O próprio ato;
- As situações em que ele se realiza;
- Os instrumentos de sua realização.

O ato individual introduz o locutor como condição necessária da enunciação. Segundo Benveniste (op.cit.: 83), antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua¹⁶. A situação em que a enunciação se realiza – o aqui e o agora – é um processo que o locutor faz de apropriação do aparelho formal da enunciação marcado por índices específicos (os dêiticos). Finalmente, os instrumentos de sua realização são as estruturas da língua. É importante lembrar que toda enunciação postula um alocutário (tu)¹⁷.

A instância do homem na língua: apenas este já seria motivo suficiente para levar Benveniste em consideração no campo da clínica. Um autor que proponha uma abordagem da língua via sujeito que, ao enunciá-la, marca para si um lugar na linguagem e é assim por ela constituído, é de fundamental importância para a abordagem da forma peculiar com que cada paciente fala. Ou seja, Benveniste abre espaço para se refletir sobre o sujeito que se constitui na linguagem a partir de uma enunciação idiossincrática. Essa concepção possibilita ver o particular de uma enunciação sintomática, e, assim, desde qual lugar na língua ele se propõe como falante;

O aparelho formal da enunciação: acredito que frente à universalidade desse aparelho, surge a singularidade com que ele é posto em ato. Dessa forma, a clínica que trabalha com os transtornos de linguagem tem a possibilidade de abordar, além do enunciado, as particularidades da enunciação que surge na cena clínica. A análise do próprio ato, da situação em que ele se realiza, bem como dos instrumentos de sua realização, permite uma abordagem que estende a fixidez do enunciado à atualização sempre única da

¹⁶ Em outro importante texto (*A Forma e o Sentido na Linguagem*) Benveniste será ainda mais incisivo: “É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe” (1989: 227).

¹⁷ Cabe lembrar que até mesmo a forma do monólogo pressupõe um *tu*. Neste caso, o locutor e o ouvinte coexistem na mesma pessoa.

língua em discurso. Esse olhar sobre a reinstauração do sentido a cada enunciação é extremamente produtivo para a abordagem da fala sintomática na clínica, porque não se trata de *standartizar* falas “patológicas” (via análise do enunciado), mas justamente de poder perceber a irrupção do novo em cada ato enunciativo.

Benveniste define enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (op.cit.: 82). Ao refletir sobre os efeitos dessa particularidade sobre a clínica de linguagem, deparo-me com uma afirmação ainda mais precisa:

... para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe. Estas diferenças dizem respeito à diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida (op.cit.: 82-3).

Se nem sobre os mesmos sons temos garantias de uma reprodução exata, quanto mais distante disso se fica ao se pensar na maneira com que cada sujeito apropria-se de forma ímpar da língua. As conseqüências dessa perspectiva da linguagem na clínica implicam necessariamente descartar uma pré-concepção da forma com que cada sujeito toma lugar na rede enunciativa.

A enunciação supõe a conversão individual de língua em discurso. Isso remete a pensar junto com Benveniste a respeito de como o sentido se forma em palavras e, particularmente no terreno dos transtornos de linguagem, o que ocorre quando o sentido não encontra palavras, ou quando as encontra de forma “desarrumada”. Talvez se tenha, então, a constatação daquilo que *falha* e torna-se evidente na linguagem do sujeito que procura tratamento, pois é aí que surgem os neologismos, as alterações fonemáticas, as parafasias, as disfluências, ou outro sintoma qualquer. Eis interrogantes importantes para a clínica, pois a explicação para esses fenômenos, em minha opinião, não é dada pela organicidade. A linguagem não provém do mundo físico. Como diz Benveniste, ela não é nem do contínuo, nem do idêntico, mas ao contrário, do descontínuo e do dessemelhante (op.cit.: 225).

E, se em determinado momento da vida, a forma que um sujeito tem de significar é demasiado descontínua, não-idêntica e dessemelhante, isso talvez fale de um lugar de enunciador que também deve ser levado em consideração ao se analisar a sua possibilidade de enunciação. A questão é saber se a clínica que trabalha com os transtornos de linguagem está disposta a operar a escuta desta forma particular de enunciação.

4. A HIPÓTESE SOBRE O FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM

Parti de uma leitura de Saussure que concebe a língua como uma estrutura que comporta sua própria incompletude, mas propus um passo adiante em direção à noção de funcionamento da linguagem, apontada por Jakobson. No entanto, ainda fazia falta a essa noção de linguagem a concepção de um lugar para articular o sujeito e o sentido. Nessa direção, a releitura da obra de Benveniste é fundamental.

Até aqui se tem recursos suficientes se se quisesse aprofundar uma abordagem da linguagem na vida cotidiana. No entanto, isso não é o bastante para a clínica que trabalha com transtornos de linguagem. Assim, meu diálogo com os lingüistas implica perguntar como eles olhariam para essa fala que *falha*. De uma maneira geral, pode-se dizer que os lingüistas apontariam que a linguagem na patologia se “desorganizou”. No escopo da clínica, ao contrário, procura-se olhar como ela se organiza. Para mim, a fala sintomática é um tipo singular de organização, portanto, algo que tem sua lógica específica. A fala sintomática é linguagem e, se é linguagem, concebo-a como linguagem em funcionamento. E linguagem em funcionamento, na perspectiva que se está a propor (ou seja, numa tomada que comporte o funcionamento do não-funcionamento), é sempre da ordem da enunciação.

O lugar que a lingüística, em princípio, reserva para o estudo daquilo que não vai bem na fala do sujeito, entretanto, tende a ser o da exclusão. No ambiente higienizador para o trabalho com a linguagem, não cabe o estudo da fala sintomática. No entanto, pôde-se perceber que a releitura dos três autores aos quais me dediquei permitiu deslocamentos significativos da condição de exclusão da fala desviante. Sem dúvida, o movimento de Jakobson (em seus estudos sobre a afasia) foi inspirador na realização desse processo: partir do funcionamento da fala sintomática para estender a reflexão à fala cotidiana repercute sobre o estudo da linguagem como um todo. Na clínica que trabalha com transtornos de linguagem, essa abordagem abre espaço para a análise do irregular, levando-se em consideração o funcionamento da linguagem via teoria do valor. Nesse sentido, as relações internas entre os elementos de uma fala desviante apresentam uma lógica própria, mas tem seu estudo viabilizado pelo respaldo dado através da noção de estrutura.

Pode-se dizer que a lingüística parte da “normalidade” para a “anormalidade” (mesmo que seja para dela se esquivar). Se for invertida essa ordem, altera-se o ponto de vista desde o qual se olha para o objeto. Não se trata de aderir a lógica da fala dita “normal” à fala desviante. Inversamente, meu ponto de partida é essa lógica peculiar, visto que a instância clínica tam-

bém demanda uma concepção de linguagem que uma ciência de cunho eminentemente teórico não exige. Trata-se, portanto, de tentar entender o funcionamento da fala sintomática, relacionando-a à lógica de funcionamento da língua, numa instância que comporte a falta. Se mudar o ponto de partida, o “normal” não pode mais ser a referência para a clínica. O que passa a ditar a direção do trabalho clínico é o funcionamento da linguagem de cada paciente em questão, tendo como pano de fundo a língua concebida como passível de comportar o enigmático que cada subversão evoca.

Se o sistema lingüístico de cada paciente apresenta-se como um enigma, cabe ao clínico de linguagem elaborar o que nomearei de *hipótese sobre o funcionamento da linguagem*¹⁸ para cada paciente. Vale ainda explicar mais: a expressão *hipótese sobre o funcionamento da linguagem* é o ponto de chegada do percurso teórico feito até aqui. Ela reúne os deslocamentos operados nas teorias lingüísticas abordadas e coloca-os em relação de implicação com o que se passa na abordagem clínica da fala desviante.

À pergunta “o que é linguagem na clínica dos transtornos de linguagem?” respondo: é sempre uma *hipótese sobre o funcionamento da linguagem*. Trata-se de algo singular, porque se refere a uma forma ímpar da organização de um sistema heteróclito. Nessa perspectiva, a *hipótese sobre o funcionamento da linguagem* é sempre única. O interrogante para o clínico passará a ser qual aspecto ou qual componente da linguagem está em jogo em cada situação de fala sintomática. O que acontece é que a *combinação singular* que surge através da fala sintomática demanda uma concepção de linguagem que dê conta da falha, do heterogêneo e do inusitado. Por isso, pode-se dizer que se trata da *hipótese sobre um funcionamento específico da linguagem*, daquele sujeito em questão. Há, nessa perspectiva, lugar para o geral e para o específico: no âmbito do geral, pode-se dizer que se trata sempre de *hipótese sobre o funcionamento da linguagem*; do ponto de vista específico, essa hipótese é particular, pois leva em consideração a peculiaridade enunciativa de um estilo de fala que apresenta uma *combinação singular*.

Se na clínica está-se lidando com a *hipótese sobre o funcionamento da linguagem*, é fundamental destacar que o que está em jogo é o ineditismo que cada fala sintomática apresenta. Esse argumento parece ser suficiente para abalar uma divisão estanque entre “normalidade” e “patologia” de um mecanismo que é, desde sempre, heteróclito e multiforme.

¹⁸ O termo “hipótese” na expressão “hipótese sobre o funcionamento da linguagem” indica que, na clínica que trabalha com transtornos de linguagem, falar sobre o funcionamento da linguagem para cada sujeito é lidar com possibilidades de organização desse funcionamento num dado momento.

No terreno da clínica dos transtornos de linguagem se trabalha com a atividade linguageira de um sujeito que realiza combinações que surpreendem a lógica da fala cotidiana. Por isso, a perspectiva de análise do funcionamento da linguagem que está aqui sendo traçada deve comportar a ocorrência da *combinação singular*. Assim, pode-se dizer que linguagem, para esta clínica, reúne o heteróclito e multiforme à regularidade saussuriana. Nesse contexto, se o que está em jogo é a subversão da linguagem, essa subversão estará sempre respaldada pela teoria do valor. E, conforme já destaquei, o valor de qualquer termo está determinado por aquilo que o rodeia, também na fala sintomática são distintos os efeitos de sentido que carregam os termos em cada situação.

O sujeito em tratamento em clínica de linguagem, se pensado como efeito de uma instância constitutiva do processo de significação, na qual a linguagem atua como estruturante, acede à condição de efeito de seu próprio dizer. E, se o sujeito é sempre efeito de seu próprio dizer, é necessário analisar quais as particularidades dos efeitos que causam uma fala sintomática no dizer daquele que a enuncia.

BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1991.
 _____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
 DE MAURO, T. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Ed. Charles Bally et Albert Sechehaye. Paris: Payot, 1972.
 DOSSE, F. *História do estruturalismo I – O campo do signo*. São Paulo: Ensaio, 1993.
 DUFOUR, D.R. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
 FLORES, V.N. Por que gosto de Benveniste? (ensaio sobre a singularidade do homem na língua). In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre: Ed. PUC/RS, v.39, n.4, p.217-230, dez. 2004.
 FLORES, V.N. & TEIXEIRA, M. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
 HOLESTEIN, E. *Jakobson: o estruturalismo fenomenológico*. Lisboa: Editorial Vega, 1979.
 JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969a.
 _____. *Lenguaje infantil y afasia*. Madri: Ed. Ayuso, 1969b.

- _____. A transformação poética: o Círculo de Praga visto pelo Círculo de Copenhage. In: TOLEDO, D. (Org.). *Círculo Lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978.
 _____. *El marco del lenguaje*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
 JAKOBSON, R. & POMORSKA, K. *Diálogos*. São Paulo: Cultrix, 1985.
 MILNER, J.C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
 SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.
 SURREAUX, L.M. *Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem*. Tese de doutorado. Porto Alegre: IL/UFRGS, 2006.